

## Trabalho da disciplina “Introdução aos estudos da Educação”

### Discentes:

Beatriz Rustomgy Mesquita - 13657571

Luísa Pereira Possebon e Silva - 13657588

Luiza Cordeiro dos Santos - 13657654

1. **Texto e/ou tema relacionado:** PLATÃO. A república. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: s.d
2. **Tipo de produção:** Filme: Barbie (2023); Direção: Greta Gerwig
3. **Onde encontrar (link):**  
[https://www.primevideo.com/-/pt/detail/0GKNEEOK90DYICABAGL9ZQTBTO/ref=atv\\_sr\\_fle\\_c\\_Tn74RA\\_10\\_1\\_10?sr=1-10&qid=1701273104963&language=pt&pageTypeIdSource=ASIN&pageTypeId=B0CB1YQ2PN](https://www.primevideo.com/-/pt/detail/0GKNEEOK90DYICABAGL9ZQTBTO/ref=atv_sr_fle_c_Tn74RA_10_1_10?sr=1-10&qid=1701273104963&language=pt&pageTypeIdSource=ASIN&pageTypeId=B0CB1YQ2PN)
4. **Razões para a escolha do tema e do tipo de material escolhido:** Na obra A República de Platão temos uma das alegorias filosóficas mais conhecidas, O Mito da Caverna. Por meio da linguagem do cinema, o filme Barbie de 2023 traz elementos dessa narrativa da Antiguidade, mostrando o conflito entre continuar no conforto da ignorância ou buscar o conhecimento.
5. **Descrição e análise:** O filme live-action da Barbie, dirigido e co-escrito por Greta Gerwig, mostra o dia a dia na Barbielândia, o mundo mágico das Barbies, onde todas as versões da boneca vivem em completa harmonia. Porém uma das bonecas Barbie, interpretada por Margot Robbie, começa a vivenciar uma crise existencial, percebendo que sua vida talvez não seja tão perfeita. Movida pela curiosidade de entender o que está acontecendo consigo mesmo, Barbie precisa sair de Barbielândia e ir para o mundo real, onde experimenta os desafios da realidade que permitem a personagem aprender e amadurecer.

Na alegoria de Platão, a caverna representa o mundo visto por aqueles que não tem pensamento crítico nem buscam conhecimento. Os prisioneiros na caverna veem apenas sombras do mundo real, assim como Barbie, em seu reino perfeito e cor-de-rosa, vê apenas o mundo ideal criado para ela. Ela é a Barbie mais popular da Barbielândia, vivendo uma vida de feliz ignorância, assim como os prisioneiros na caverna. Todavia precisa embarcar numa viagem ao mundo humano, que simboliza a ascensão do prisioneiro da caverna para o mundo externo. O caminho da boneca está repleta de verdades duras, mas também é uma jornada de autodescoberta e iluminação. O filme usa o humor e a sátira para destacar o absurdo do mundo perfeito da Barbie, muito parecido com as sombras na caverna.

À medida que Barbie se aventura no mundo humano, ela começa a ver as formas como elas realmente são. Ela percebe que seu mundo perfeito nada mais era

do que sombras em uma parede, aprendendo sobre as complexidades da vida, sobre as expectativas irrealistas colocadas nas mulheres e sobre o poder da autoconfiança.

1. **Texto e/ou tema relacionado(s):** Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa / SKÀRMETA, Antonio. O carteiro e o poeta. Rio de Janeiro: Record. 1999. p. 18-24. / FREIRE, Paulo. a) Extensão ou comunicação? b) A educação como situação gnosiológica. Extensão ou comunicação? 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 63-93
2. **Tipo de produção:** Música: Another Brick In The Wall II; Duração: 3min e 18s; Artista: Pink Floyd
3. **Onde encontrar (link):** <https://www.youtube.com/watch?v=HrxX9TBj2zY>
4. **Razões para a escolha do tema e do tipo de material escolhido:** A música escolhida, Another Brick In The Wall II da banda Pink Floyd, se relaciona bem com a aula que tem em seu cerne a importância da comunicação na educação transformadora e que demonstra como o mundo humano é um mundo de comunicação, já que coloca em xeque a forma de educar que se baseia em um modelo totalitário, opressor e rigoroso, o qual não estimula o pensar crítico dos alunos.
5. **Descrição e análise:** A música Another Brick In The Wall II faz parte de uma trilogia de canções com o mesmo título, sendo divididas em três partes, contando a história do personagem Pink, cujo pai faleceu servindo ao exército, possuía uma mãe superprotetora e sofreu bullying e abuso por parte de seus colegas e professores durante o período na escola. Na parte II, que trata mais a fundo a revolta contra o autoritarismo, o foco se torna os insultos da parte de seu professor autoritário sofridos pelo personagem e como a imaginação deste se torna a válvula de escape da sua realidade, ao imaginar ele e seus colegas de classe protestando contra os professores da escola, sendo esta a parte mais famosa, possuindo um clipe repleto de significado.

Com isso, a música representa uma crítica a educação adestradora, que na maior parte dos modelos educacionais, tem como seu alicerce a predominância de um ensino que suprime qualquer tentativa de desenvolvimento de autonomia e pensamento crítico no aluno: a educação funciona como uma maneira de homogeneizar ideias e comportamentos, tirando das pessoas a capacidade de pensar por conta própria e, assim, gerir melhor sua vida. O que contraria o ideal de autonomia, fortemente defendido por Paulo Freire com seu conceito de educação libertadora.

Sob essa perspectiva, os versos “We don’t need no education / We don’t need no thought control / No dark sarcasm in the classroom” (em tradução livre: “Nós não precisamos de nenhuma educação / Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral / De nenhum sarcasmo na sala de aula”) exprimem a ideia de que os estudantes não devem ser submetidos a uma educação repressiva, controladora e

adestradora - o que é representado, no clipe, pelas crianças sendo trituradas (e homogeneizadas) na escola.

Além disso, no início da canção, a letra da música claramente mostra que por trás de um oprimido, sempre há um opressor com o seguinte trecho: “When we grew up and went to school, there were certain teachers / Who would hurt the children any way they could / By pouring their derision upon anything we did / Exposing every weakness however carefully hidden by the kids” (em tradução-livre: “Quando crescemos e fomos para a escola, havia certos professores / Que machucavam as crianças de todas as formas que podiam / Ao derramar seu escárnio sobre qualquer coisa que fizéssemos / E expor todas as fraquezas, por mais que as crianças as escondessem cuidadosamente”). O que será retornado adiante na canção, com o refrão em que as crianças se revoltam porque não querem, no futuro, ser como as pessoas que as estão educando.

Na aula, por sua vez, foi discutido o aprendizado como sendo uma experiência dialógica e múltipla - a educação é vista como uma troca de conhecimento, a qual visa à autonomia da pessoa, e não como uma forma de controle. Logo, é possível analisar a diferença entre uma educação adestradora, como retratada na música, e uma educação libertadora, que estimula o sujeito a pensar.

1. **Texto e/ou tema relacionado:** RUSSEL, Bertrand. As funções de um professor. In: POMBO, Olga (comp.). Quatro textos excêntricos. Lisboa: Relógio D'Água, 2000. p. 71-85
2. **Tipo de produção:** Episódio de Série: Anne with an E (2017-2019); Temporada 02 Episódio 09
3. **Onde encontrar (link):** <https://www.netflix.com/browse?jbv=80136311>
4. **Razões para a escolha do tema e do tipo de material escolhido:** No episódio escolhido da série Anne with an E, é mostrado os desafios que uma professora da cidade grande enfrenta para ter liberdade de lecionar como deseja em uma cidade campestre conservadora e retrógrada. Nesse episódio evidencia-se os pontos abordados no texto As funções de um Professor de Bertrand Russell sobre o lecionar do professor.
5. **Descrição e análise:** A série Anne with an E é uma adaptação da série de livros Anne of Green Gables (1908) em que acompanhamos a história da jovem órfã Anne Shirley que aos 11 anos é adotada por engano por um casal de irmãos, já senhores, que desejavam adotar um menino para ajudar nos trabalhos braçais da fazenda, mas que por fim decidem ficar com ela. A série se passa em meados do fim do século XIX na cidade fictícia Avonlea, localizada na Ilha do Príncipe Eduardo (Canadá).

Desde o início da série podemos acompanhar o desenvolvimento escolar de Anne, que desde sempre foi uma menina curiosa, apaixonada por livros e sempre

sonhou em ir para a escola. Porém tem suas expectativas frustradas ao encontrar na escola um ambiente hostil, pois sofria preconceito por ser adotada, além de ter um professor extremamente autoritário preocupado apenas com o ensino técnico. No entanto, no episódio nono da segunda temporada isso viria a mudar já que o professor deixa a cidade e é substituído por uma professora vinda do continente: Srta. Muriel Stacy. Como citado no texto “As funções de um professor” do filósofo Bertrand Russell, quando a profissão de professor se tornou um cargo público, essa tarefa não mais apenas se restringiu a passagem de conhecimento e desenvolvimento de competências mas também passou a ser responsável por difundir as crenças e valores da sociedade e Estado que o comanda. Desta forma, foi esperado pelos moradores da cidade, em especial os mais velhos, que Srta. Stacy reforçasse os valores religiosos e a disciplina, utilizasse métodos tradicionais de ensino e agisse conforme as expectativas deles em sua vida pessoal. Todavia, desde a forma de se vestir até em seu meio de locomoção a professora mostrava ser inovadora, o que se refletiu na sala de aula, na qual trouxe novas formas de ensinar e deu voz aos alunos, assim envolvendo-os no processo de aprendizado.

Todas essas novidades não foram bem aceitas pelos pais dos alunos e pelo Conselho da cidade, que esperavam dela uma postura mais conservadora. A gota d'água foi quando, durante um experimento sobre eletricidade usando batatas e lâmpadas, uma lâmpada acaba se quebrando bem na hora que os pais dos alunos tinham invadido a sala de aula para reclamar da professora. Eles usam o incidente de pretexto para julgar a professora inapta e despejar ofensas. Esse episódio nos ajuda a entender a falta de liberdade que o professor enfrenta em sua profissão, assim como citado no texto de Russell.

1. **Texto e/ou tema relacionado(s):** O ensino escolar é uma escolha dos outros? / RUSSEL, Bertrand. As funções de um professor. In: POMBO, Olga (comp.). Quatro textos excêntricos. Lisboa: Relógio D'Água, 2000. p. 71-85
2. **Tipo de produção:** Série animada: Avatar: The Last Airbender (2005 - 2008); Temporada 3, Episódio 2
3. **Onde encontrar:** <https://www.netflix.com/search?q=avatar&jbv=70142405>
4. **Razões para a escolha do tema e do tipo de material escolhido:** Durante a jornada de Aang pela dominação dos quatro elementos, para se disfarçarem de verdadeiros cidadãos, Aang frequenta uma escola e conhece o método educacional da Nação do Fogo, utilizado principalmente como forma de manter o patriotismo, como no texto de Russel, apesar das atrocidades e violências cometidas contra os demais povos.
5. **Descrição e análise:** Avatar, A Lenda de Aang se passa em um mundo fictício dividido em quatro povos, relacionados aos quatro elementos (terra, água, fogo e ar). Algumas pessoas são capazes de manipular esses elementos, sendo chamados de

dobradores (no original, *benders*). O Avatar é a única pessoa capaz de dobrar os quatro elementos e sua alma reencarna em cada um dos povos, seguindo um ciclo, sendo responsável por manter o equilíbrio entre os povos e o mundo espiritual.

Mais de um século antes dos eventos da série, o Senhor do Fogo Sozin, governante da Nação do Fogo, planejou uma guerra mundial para expandir a riqueza, território e influência de seu país. Inicialmente, ele foi impedido de prosseguir pelo Avatar Roku, nascido na própria Nação do Fogo. Depois da morte de Roku, o Avatar foi reencarnado em um dominador de ar chamado Aang.

Sabendo que o Avatar seria então apenas uma criança, Sozin aproveitou essa oportunidade para ir em frente com seus planos de conquista. Devido à ameaça bélica iminente de Sozin, Aang descobriu que era o Avatar aos 12 anos de idade, mais cedo do que o normal. Com medo de arcar com as suas novas responsabilidades, Aang deixou seu lar com os Nômades do Ar em seu bisão voador, Appa.

Contudo, ambos foram derrubados no oceano devido a uma tempestade e acabaram congelados próximo ao Polo Sul, deixando o mundo sem a proteção do Avatar. Durante esse século, Sozin, sabendo que o ciclo de reencarnação do Avatar demandava que ele nascesse como um Nômade do Ar, provocou o genocídio dos dominadores de ar, tornando Aang o último sobrevivente de seu povo.

Depois de cem anos congelados, Aang e Appa foram encontrados por duas crianças da Tribo da Água do Sul, Katara e Sokka, que, junto com a dobradora de terra Toph, acompanharão Aang na sua missão de dominar as quatro dobras e derrotar o atual Senhor do Fogo, Ozai, e restabelecer o equilíbrio no mundo.

Após se tornar mestre nas dobras de água e terra, com ajuda de Katara e Toph, Aang e seus amigos se encontram na Nação do Fogo buscando alguém para ensinar a dobra de fogo para Aang e meios de parar o Senhor do Fogo Ozai antes da ocupação completa do mundo pela Nação do Fogo. Nesse episódio, Aang acaba sendo levado por engano para uma escola para crianças da Nação do Fogo e presencia a educação rígida e voltada para os conhecimentos da guerra, muito semelhante à educação da Alemanha nazista, como citado por Russel.

Em muitas escolas, o conhecimento é imposto sobre os alunos, e em situações de guerra, tanto a fictícia da série quanto em muitas guerras reais, esse ambiente é a principal forma de manutenção e propagação de patriotismo, “justificativas” para ela e formação de soldados. Na série, os alunos da escola representada recitam no início da aula o Juramento da Nação do Fogo, que diz que todos devem servir ao Senhor do Fogo com suas vidas, “mãos” (relacionado com a dobra de fogo e combate) e mentes (com inovações tecnológicas).

Outra forma de imposição demonstrada pelo episódio é o momento em que Aang pergunta para a professora como o Senhor do Fogo Sozin teria, segundo ela, derrotado o exército da “Nação do Ar” sendo que os Nômades não apresentavam um exército formal. A professora então desdenha de sua pergunta, pois como um aluno saberia mais sobre a história da nação do que os livros de história, “a não ser que estivesse lá há 100 anos” (ironicamente, ele estava). Tal diálogo demonstra a crença cega no conhecimento formal e institucionalizado, sem a possibilidade de

questionamento, tanto pelos professores, quanto pelos alunos, muito comum em períodos de guerra e outros casos de doutrinação em escolas.

Além disso, diferentemente do que a escola da Nação do Fogo demonstra, os conceitos de liberdade e disciplina não são opostos. Ao conviver com Aang, um garoto criado pelos Monges do Ar, com uma cultura muito mais livre e fluida (muito relacionada a natureza do ar), as demais crianças da escola aprendem que também podem ter autonomia e liberdade para pensar por si se o que lhes é ensinado é verdadeiro ou não.

Portanto, esse episódio da série animada se relaciona com os tópicos debatidos em aula e o texto citado anteriormente em como o conhecimento é uma imposição, que há uma necessidade de ensinar o que deve ser aprendido. Nesse caso, como o Senhor do Fogo Sozin clamava ter vencido uma grande batalha contra os Nômades do Ar, quando na verdade eles foram vítimas de um genocídio tramado com emboscadas para os monges do ar. Assim, o querer não é pacífico, mas sim um conflito de interesses, em que um dos desejantes sempre perde, sendo, no caso analisado, Aang, que perdeu pois não tinha autoridade dentro da sala de aula, e a professora autoritária e os livros de história da Nação do Fogo que trazem consigo apenas a visão do conquistador das outras terras, não necessariamente a mais correta.

1. **Texto e/ou tema relacionado:** KUHN, Thomas Samuel. A estrutura das revoluções científicas. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva; 1992
2. **Tipo de produção:** Graphic novel: Avatar: The Last Airbender - Toph Beifong's Metalbending Academy (2021)
3. **Onde encontrar:**  
[https://www.amazon.com.br/Avatar-Airbender-Beifongs-Metalbending-Academy/dp/1506717128/ref=sr\\_1\\_1?crid=1JJHF316HCO5T&keywords=toph+beifong&qid=1701782921&srefix=toph+bei%2Caps%2C231&sr=8-1](https://www.amazon.com.br/Avatar-Airbender-Beifongs-Metalbending-Academy/dp/1506717128/ref=sr_1_1?crid=1JJHF316HCO5T&keywords=toph+beifong&qid=1701782921&srefix=toph+bei%2Caps%2C231&sr=8-1)
4. **Razões para a escolha do tema e do tipo de material escolhido:** A criação de uma nova técnica de manipulação de metal, derivando-se da dobra de terra, assemelha-se com a produção de saber científico, como trabalhado no texto de Kuhn.
5. **Descrição e análise:** Alguns anos após a derrota do Senhor do Fogo Ozai, o Avatar Aang trabalha pelo mundo restabelecendo o equilíbrio nas diversas regiões afetadas pela longa Guerra dos Cem Anos. Enquanto acompanhava Aang em sua jornada para terminar essa guerra, Toph Beifong, uma dobradora de terra muito habilidosa, realizou algo nunca feito antes: dobrar metal. Toph criou esse tipo de dobra. Derivada da dobra de terra, dobrar metal foi um feito muito relevante pois as prisões para dobradores de terra feitas pela Nação do Fogo eram completamente feitas de metal, um material, até então, “indobrável”.

Toph aprimorou a dobra de metal sozinha, da mesma forma que aprendeu a dobrar terra quando mais jovem, e então decidiu criar uma escola para que esse conhecimento fosse propagado para mais dobradores de terra. Em “Toph Beifong’s Metalbending Academy” são mostradas as principais dificuldades enfrentadas para a criação de uma dobra completamente nova e para a passagem desse conhecimento para outros alunos com a criação da escola.

O procedimento padrão para uma ciência normal, como elaborado por Kuhn, é uma pesquisa firmemente baseada em conhecimentos anteriores, formando conhecimentos para estudos futuros. A criação da dobra de metal segue esse mesmo princípio, baseando-se na ideia de que o metal é constituído de uma forma de terra e, portanto, pode ser manipulado com as técnicas semelhantes às aplicadas a terra (uma técnica já conhecida e difundida) e que essa técnica pode ser ensinada para novos dobradores, portanto pode ser considerada como um experimento replicável.